



A MATÉRIA DO COSMOS E A SUA ETERNIDADE, SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO.

Paulo Faitanin – Universidade Federal Fluminense.

Resumo: Nossa intenção neste artigo é apresentar uma síntese da *Cosmologia* de Tomás de Aquino. Este artigo tenta analisar o conceito de matéria e a doutrina da eternidade do mundo.

Palavras-chave: Cosmologia, Matéria, Mundo, Eternidade, Tomás de Aquino.

Abstract: Our intention in this paper is to present a synthesis of the Thomas Aquinas' *Cosmology*. This paper intends to analyze the concept of the Matter and the doctrine of the Eternity of the World.

Keywords: Cosmology, Matter, World, Eternity, Thomas Aquinas.

1. INTRODUÇÃO.

Hoje, como nunca, urge uma análise filosófica mais apurada sobre a natureza do Universo. O *macro* e o *micro* exigem igualmente uma consideração filosófica que não dissocie a metafísica da ciência. A autonomia de ambos os saberes não anula uma possível unicidade no discurso sobre a natureza do universo. Cabe especialmente à Filosofia da Natureza estabelecer esta ponte entre o metafísico e o cientista. Sabe-se historicamente que no último século houve uma radical separação entre a filosofia e a ciência. Como consequência a ciência passou a introduzir em suas teorias muitas questões de caráter marcadamente metafísico e esta, reduziu-se às análises linguísticas.

Não se pretende aqui discutir as razões históricas desta separação, mas apresentar o modelo de filosofia da natureza de Tomás de Aquino que se estruturou numa aproximação contínua da filosofia com a ciência do seu tempo. Sua proposta é atual não por partir de análise das afirmações científicas do seu tempo, que hoje já se encontram superadas, mas porque apresenta um sistema de conceitos metafísicos que, ainda hoje, são compatíveis com as teorias científicas contemporâneas.

Segundo Tomás, tudo o que o homem conhece do universo lhe chega primeiramente através do que captam os sentidos. Todas as imagens produzidas pela sensibilidade, culminam em conceitos produzidos pela abstração do intelecto. Assim, pois, tudo o que penetra na inteligência do

homem está abstraído da matéria sob suas dimensões quantitativas¹. A doutrina da abstração das dimensões quantitativas de tudo quanto existe no universo físico constitui o âmago do conhecimento teórico tomista. Ora, o que existe no mundo sensível são entes, alguns móveis outros não. A consideração do ente móvel é objeto específico de uma ciência específica. Portanto, por meio da consideração inteligível da natureza a *Filosofia da Natureza* ou *Cosmologia* é a ciência que é definida como o ‘conhecimento perfeito do ente móvel’: *scientia perfecta entis mobilis*.

Nas realidades existentes no mundo físico é o fato do movimento o primeiro a impressionar os nossos sentidos e a instigar a investigação racional. Pois bem, a análise do movimento é fundamental para se chegar ao conhecimento da matéria como sujeito do movimento e, portanto, de todos os seres naturais². Neste sentido, o objeto material próprio da cosmologia são as coisas naturais em movimento e, em sentido estrito, os corpos naturais, enquanto o objeto formal é o próprio movimento³ e o que dele captamos como as noções de espaço e tempo.

As coisas naturais fazem parte do mundo, cuja realidade é incontestável, podendo ser conhecida pelos sentidos⁴. Por isso, como já dissemos antes, o procedimento do conhecimento do mundo sensível parte da experiência sensível e da constatação dos nossos sentidos sobre os efeitos sensíveis dos objetos, que os afetam. E a partir disso, desde um procedimento intelectual, segue-se até a abstração e a formação de conceitos que nos indicam e conduzem ao conhecimento das suas causas próprias⁵.

Em face da imersão dos nossos sentidos no mundo das realidades sensíveis segue-se, também, a comprovação da existência de muitas realidades sensíveis que compõem, sem contrariar a evidente diversidade, uma unidade total. Contudo, esta evidência não eximiu o Aquinate de abordar a questão de se o mundo é uno ou composto de múltiplas substâncias naturais.

Ele nos adverte que a questão de saber se o mundo é uno ou múltiplo, ou seja, constituído de múltiplas substâncias, é muito mais metafísica do que cosmológica⁶. Em qualquer caso, parece que não é adequado afirmar haver a existência de um mundo que fosse uma única substância, já que haveria de explicar como um único e mesmo sujeito poderia ter propriedades opostas⁷,

¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Phys.* Lec. 3, n° 161.

² TOMÁS DE AQUINO, S. *In IV Phys.* Lec. 18, n° 585.

³ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Phys.* Lec. 1, n° 4.

⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Phys.* Lec. 1, n° 148.

⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Phys.* Lec. 11, n° 241.

⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Phys.* Lec. 2, n° 15.

⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Phys.* Lec. 3, n° 21.

como as que se dizem da água e do fogo. Segue-se disso que o mundo é composto de múltiplas substâncias.

Nada impede que denominemos ‘universo’ ao conjunto das diversas substâncias. Contudo, não compete ao filósofo o conhecimento de cada substância, mas dos princípios comuns e mais gerais que regem todas. Decifrar a lei específica da natureza de cada substância é próprio das ciências, mas à filosofia da natureza convém considerar as leis e os princípios gerais dos corpos, buscando o que haja de comum entre todos.

2. O COSMOS.

Constatamos acima que a *Cosmologia* é a parte da *Filosofia da Natureza* que estuda o universo, bem como as coisas que o compõem, especialmente as que estão em movimento⁸, na medida em que se busca sua origem e natureza, tendo em vista que esta análise é fundamental para o conhecimento do próprio sujeito do movimento⁹.

O *cosmos* é o todo material que existe. É a unidade desta diversidade de substâncias materiais, portanto, o *universo*, fora do qual nada há¹⁰ e que é conhecido antes do que as partes¹¹.

Denomina-se *universo* a unidade da diversidade de múltiplos seres naturais harmonicamente ordenados entre si e que compõem o todo que recebe este nome. Por isso, o cosmos pode ser entendido como a soma de todas as partes de que está constituído, ou seja, das partes individuais que são as substâncias materiais. Parte essencial deste cosmos material é o ser humano, cuja parte da cosmologia que o considera denomina-se *antropologia*.

3. A UNIDADE DA MATÉRIA DO COSMOS.

O cosmos formou-se segundo um movimento local¹², que se iniciou por um impulso, causado pelo primeiro motor¹³, instantaneamente depois da criação da *primeira matéria*, a partir da qual foram produzidas todas as demais substâncias materiais, em conformidade com aquele movimento.

A criação da matéria é o ponto de partida da formação do cosmos. O que significa dizer que Deus criou a matéria do ‘nada’? Algo é feito do nada

⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Phys.* Lec. 1, n° 4.

⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In IV Phys.* Lec. 18, n° 585.

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *In III Phys.* Lec. 11, n. 385/ IV, Lec. 7, n° 485.

¹¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Phys.* Lec. 1, n° 9.

¹² TOMÁS DE AQUINO, S. *CG.* III, c. 102.

¹³ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VIII Phys.* Lec. 22, n° 3/*In III De cael. et mun.* Lec. 7, n° 6.

quando entendemos que algo é feito, embora não haja algo a partir do qual fosse feito. Como? Este movimento local iniciou-se no interior da primeira matéria com a sucessiva mescla das formas elementares que haviam sido criadas concomitantemente com a matéria. A partir deste movimento local, no interior da primeira matéria, originou-se tudo mais que se fez a partir dela.

As realidades materiais conseqüentes deste movimento local no interior da matéria primeira foram produzidas por alteração. A *alteração* é um tipo de movimento local ocorrido no interior da matéria primeira, pois se refere a um movimento conforme à qualidade¹⁴ das formas elementares que existiam na matéria primeira. A *mutação* é um outro tipo de movimento, mas segundo a quantidade. De certo modo, a alteração é a mutação das formas contrárias¹⁵, segundo o mais e o menos e conforme o que é próprio do que forma o corpo¹⁶ inanimado ou dos seres vivos.

A alteração não é infinita segundo a espécie¹⁷, nem contínua¹⁸, embora possa ser natural ou violenta¹⁹. Já a *geração* é uma espécie de mutação e se opõe à corrupção²⁰. Enquanto tal, a geração pode ser essencial ou acidental²¹ e para que ela ocorra são necessários três princípios: *matéria, forma e privação*²²: a forma é a causa da geração, a matéria o sujeito e a privação sua conseqüência. A partir disso, a matéria primeira do cosmos deu origem a tudo mais que é material.

Neste sentido, a matéria primeira foi o substrato de todas as transformações que produziram as ulteriores substâncias²³. Não poderia ser substrato de algo se não fosse algo em ato. Ora, como não era ato puro, a saber, uma perfeição absoluta e acabada, porque em seu interior se dava o movimento, a matéria primeira possuiu o 'ato' de ser, mas não obviamente o ato puro como uma perfeição absoluta e acabada, senão a menor intensidade ou grau de perfeição de ato de ser, uma perfeição mínima com capacidade de vir a ser acabada.

Neste aspecto, a matéria primeira foi também 'ser em ato', mas a sua atualidade foi mínima possível, apesar de suficiente para uma *máxima* potencialidade, pois se é verdade que a máxima atualidade tem mínima

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In III Phys.* Lec. 2, n° 286.

¹⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *In V Phys.* Lec. 4, n° 682.

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Phys.* Lec. 5, n° 917.

¹⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VI Phys.* Lec. 13, n° 880.

¹⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VIII Phys.* Lec. 15, n° 1087.

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In V Phys.* Lec. 10, n° 738.

²⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Phys.* Lec. 13, n° 116.

²¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Phys.* Lec. 5, n° 33.

²² TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Phys.* Lec. 13, n° 110.

²³ TOMÁS DE AQUINO, S. *In XII Metaphys.* Lec. 2, n° 2428-2430.

potencialidade, uma mínima atualidade terá máxima potencialidade. Por causa disso, não sem motivo, a matéria primeira foi denominada de ‘pura potência’. Assim, pois, a matéria primeira foi ‘ser em ato’ com uma ‘infinita’ capacidade de ser aperfeiçoada, e por causa disso mesmo lhe coube a denominação de ‘ser em potência’, enquanto seja algo em ato [*materia enim dicitur substantia... quae in potentia, ut sit aliquid actu*]²⁴.

Ora, a matéria tendo sido criada, ela não pode ter existido desde sempre. Logo, o Cosmos, o Mundo, o Universo, ou seja, tudo quanto possa dar nome à matéria ou ao àquilo que foi produzido a partir dela, não existiu desde sempre. Aquilo que não existiu desde sempre, sua existência não é *necessária*, porque a sua existência está atrelada a um começo, que poderia não ser dado. Desta maneira, se a sua existência não é necessária porque necessário se diz do que não poderia nunca deixar de existir, (pois a sua natureza lhe exige a existência como um atributo necessário), ela só pode ser *contingente*.

Neste caso, só Deus é necessário. Do mesmo modo, diz-se *eterno* o que não teve começo, nem terá nunca um fim. Ora, Deus é o único que sempre existiu e sempre existirá, portanto só Ele é eterno. Sabe-se, pois, que a origem da matéria é por criação, ou seja, começou a existir depois do ato onipotente de Deus que a criou do nada.

Assim, a matéria não pode ser eterna, se considerada a eternidade como um atributo de sua natureza, pois sendo uma criatura é contingente, finita e temporal. Nada impede que se lhe denomine ‘eterna’ metaforicamente, enquanto se lhe atribui a eternidade à sua natureza não por ser ela mesma eterna, mas porque o nosso conhecimento acerca do fim de sua natureza é limitado e desconhece o seu limite último. Em função deste conhecimento parcial, limitado e finito que temos acerca de sua natureza, seja quanto ao seu início e quanto ao seu fim, podemos dizer que a natureza da matéria primeira é *virtualmente* infinita. Ora, se não sabemos qual é o início e o fim, tampouco sabemos com certeza o ‘número’ de coisas que dela foram produzidos. Por isso os matemáticos não se pouparam em definir o número das coisas existentes como infinito. Não é infinito porquanto sejam infinitas as coisas contáveis, mas infinito enquanto é um modo de dizer por não podermos contá-las, embora possamos simbolizá-las por números. Não se trata de uma infinitude metafísica, mas ao menos de um infinito matemático e gnosiológico.

Voltando à raiz, a saber, a matéria, dizemos que por motivo desta infinitude matemática e gnosiológica se lhe afirma a *universalidade*, não meramente por tratar-se de um simples conceito, pois a matéria primeira não é somente uma idéia elaborada pela nossa inteligência, mesmo porque se for

²⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VIII Metaphys.* Lec. 1, n° 1687.

um conceito exigirá uma realidade acerca da qual nossa inteligência lhe tivesse abstraído. A universalidade da matéria é afirmada com relação ao que se disse anteriormente, a saber, que é infinita só virtualmente, porque atualmente ela é finita e singular.

Não raro alguns se equivocam ao reduzirem a matéria primeira a um conceito, a uma noção. O problema não é reduzi-la a um conceito, pois de fato existe um conceito de matéria primeira, mas considerá-la como um conceito sem fundamento no real, pois conceito de que seria a matéria primeira, senão de algo que exista na realidade? Pois, embora não conhecemos a natureza da matéria primeira imediatamente quando consideramos a matéria segunda que compõe os corpos da realidade sensível, chegamos à consideração de sua natureza mediante as sucessivas abstrações das matérias individuais, partindo da abstração de primeiro grau, passando pela abstração matemática até chegar à metafísica, que se obtém na suposição das anteriores e enquanto exige uma fundamentação real. Por isso o conceito de matéria primeira não é nem uma invenção da razão nem uma noção vazia de conteúdo metafísico real.

Por este motivo, a matéria considerada metafisicamente é contingente e finita e, por conseguinte, teve um início e nada contradiz à sua natureza que seja passível de um fim. Contudo, o que é passível de um início e de um fim denomina-se *temporal*. Logo, se segue que a matéria primeira está sujeita ao tempo, porque embora ela e o tempo tenham começado simultaneamente, isso não a exclui de estar sujeita ao próprio movimento, cuja abstração do antes e do depois deste movimento se obtém a noção de *tempo*. Contudo, em que sentido se poderia dizer que aquilo que dela é produzido como, por exemplo, o mundo, é eterno?

4. A ORIGEM DO UNIVERSO.

Os gregos entenderam a eternidade como a duração infinita ou aquilo que é desde sempre. Platão [*Fédon*, 103E] aplica esta categoria de duração às formas. Aristóteles também a admite como uma duração infinita do movimento circular [*Física*, VIII, 8, 263^a 3]. Denomina o existir ‘desde o princípio’ das coisas eternas [*Metafísica*, IX, 9, 1051^a 20]. Ela é tempo que perdura sempre, que carece de princípio e de fim e inclui todo o tempo e é duração imortal e divina [*De caelo*, I, 9, 279^a 22-9].

Os cristãos, S. Agostinho e Boécio, em razão da Revelação, entenderam a eternidade como o que é imensurável pelo tempo e somente pertencente a Deus [*Confissões*, XII, 11,11]. Agostinho acentua a plenitude do eterno diante da indefinição do meramente perdurável e diante da abstração do

simplesmente presente em um momento. É o *agora* de Deus [*Confissões*, XII, 13,16]. Boécio entende a eternidade como a posse inteira, simultânea e perfeita, de uma vida interminável [*A Consolação da Filosofia*, V]. Nestes termos, segue-se a tradição grega de aplicar-se somente a eternidade ao divino e ao imaterial.

Um dos temas que se discutiu na *Escolástica* foi o de saber se o mundo era eterno ou não. Os autores cristãos medievais sustentaram com clareza que é dogma que o mundo foi criado do nada e concluíram que o mundo não é eterno e não tem a eternidade que corresponde a Deus. Definida como um artigo de fé, a partir de *Gn* 1,1 e da exegese patrística, a criação teria sido no ou com o tempo.

Mas se foi no tempo, há de esclarecer de que modo o tempo lhe antecedeu, pois se o tempo é a medida do movimento e o movimento supõe a existência da matéria, o tempo não poderia ser senão concomitante à criação. Por isso, nem todos os filósofos e teólogos cristãos consideraram a questão do mesmo modo.

Santo Agostinho demonstra que o mundo não é eterno. São Boaventura e outros cristãos seguiram a doutrina de Agostinho, pois com ela podiam também refutar o *averroísmo* que interpretava Aristóteles haver defendido a eternidade do mundo. Vejamos a questão em Tomás de Aquino.

Entre as proposições condenadas por Estevão Tempier em 1270, encontrava-se a seguinte: *Quod mundus est aeternus, quod quia habet naturam, per quam possit esse in toto futuro, habet naturam, per quam potuit esse in toto preterito* [Que o mundo é eterno porque tem natureza, por cuja possa existir totalmente no futuro, e tem natureza, por cuja pôde existir totalmente no passado]²⁵. O Aquinate nos comentários das *Sentenças* de Pedro Lombardo sustentara que Deus poderia produzir algo eterno²⁶ e, com esta afirmação, ao retornar a Paris, encontrou-se no centro de uma polêmica. Antes que ele retornasse a Paris em 1269, São Boaventura tornou-se Ministro Geral de sua Ordem. Durante os anos de 1267 e 1268, denunciara com vigor em suas pregações os erros que emanavam da *Faculdade de Artes*, sobretudo, a doutrina do *averroísmo* latino que interpretava equivocadamente a tese aristotélica da eternidade do mundo, como uma perversão da Sagrada Escritura.

O foco da polêmica era a doutrina propalada pelo *averroísta* Siger de Brabant que, possivelmente apoiado na interpretação de Averróis, afirmava que Aristóteles defendera a eternidade do mundo. Motivado provavelmente pela solicitação de alguns irmãos da Ordem, São Boaventura promoveu uma

²⁵ DENIFLE, H. OP. *Chartularium Universitatis Parisiensis*. Tomus I. Parisiis: Ex typis fratrum Delalain, 1889, epistola n° 473, thesis n° 98.

²⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.*, d.1, q.1, a.5, c.

intervenção pública sobre o tema, na exposição da tese, à qual seguiam franciscanos como Guilherme de la Mar, com a premissa de que ‘Deus não poderia ter criado algo desde a eternidade’ [*Super Sent.*, II, d.1].

São Boaventura promoveu uma outra intervenção pública nas disputas *quodlibetais*, atividade acadêmica característica da Universidade Medieval, ocorrida sempre durante a Quaresma precedente [antes da Páscoa] ou Advento precedente [antes do Natal], mediante a qual se estudava qualquer questão de interesse ou polêmica, neste caso, a da eternidade do mundo.

A tese de Boaventura retoma o que já anteriormente defendia em *Super Sent.*, II, 1, 1, 2. Para ele, o mundo foi criado por Deus no tempo e não desde a eternidade, pois o conceito de mundo criado do nada e existente *ab aeterno* contém tão grosseira contradição, que não se pode conceber que algum filósofo, por medíocre que fosse, pudesse ter afirmado semelhante coisa.

Tomás procurou tratar a questão com agudeza intelectual sem obviamente contradizer a Escritura. De fato, ele tratou deste tema diversas vezes e em diferentes épocas e obras. Como dissemos nos comentários aos *Livros das Sentenças*, escrito entre os anos 1252-1254, ele havia considerado o tema da eternidade do mundo, afirmando a hipótese de que não contrariaria a fé católica a idéia da criação *ab aeterno*²⁷.

Em 1262 dedicaria na *Suma Contra os Gentios* um capítulo à questão da eternidade do mundo, onde sustenta que, além de Deus, não há nada eterno²⁸. Isso parecia dar mostras de que rechaçou o que defendera anteriormente. Mas nada mais enganoso. De fato, em seguida, em 1268, considerou o assunto no *De Potentia*, onde afirma que não é impossível que, à parte de Deus, possa existir algo eterno, se considerada a potência ativa de Deus²⁹.

Posteriormente, em 1268, tratou do tema na Primeira Parte da *Suma Teológica*, onde afirma que somente pela fé se sustenta que o mundo não existiu sempre e nem é possível demonstrar este dado pela razão natural. Daí que não se pode demonstrar que o homem, o céu ou a pedra não existiram sempre³⁰.

E, provavelmente, antes do Natal de 1270, tratou brevemente da questão num dos *Quodlibetos*, no qual sustentou, sem se referir às posições anteriores, que o mundo não é eterno segundo a fé católica³¹. E, finalmente, a sua última contribuição deu-se no *De aeternitate mundi*. Neste breve e polêmico opúsculo, Tomás sintetiza a sua doutrina. O Aquinate sabe muito bem que Aristóteles

²⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.*, d.1, q.1, a.5, c.

²⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *CG.* II, c. 38.

²⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *De potentia*, q.3, a.14, c.

³⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q.46, a.2, c.

³¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *Quodl.* XII, q.6, a.1, c.

não rejeita completamente a hipótese da eternidade do mundo. Por isso, procura guardar a maior fidelidade possível ao aristotelismo, traçando, ao mesmo tempo, uma distinção bem definida entre o aristotelismo por ele defendido e o do averroísmo latino propalado, sobretudo, na *Faculdade de Artes* de Paris.

Por esse motivo, ele prova inicialmente a inconclusividade dos argumentos em favor da eternidade do mundo; e, assim, abre espaço para o dogma e separa-se do averroísmo. Em seguida, passa a demonstrar que os argumentos favoráveis à temporalidade do mundo são igualmente inconclusivos; e, assim, abre lugar ao aristotelismo, distanciando-se do agnosticismo. Nada contraria a fé que Deus, em suas idéias, tenha pensado o mundo desde a eternidade e que o tenha criado e com isso se tenha iniciado o tempo.

CONCLUSÃO.

Tendo em vista que tudo o que compõe o universo tem matéria, para saber acerca da origem do universo há de se argüir acerca da origem e da natureza da matéria, pois a matéria é o que existe de comum na natureza de todas as realidades que o compõem. A matéria não é eterna, pois foi criada não de outra matéria, mas do nada. Não é a matéria uma criatura absolutamente informe em sua origem, pois tudo o que Deus cria representa a modo de vestígio alguma perfeição Sua. Por isso a matéria primeira não era absolutamente carente ou privada de alguma forma, ato ou perfeição, não sendo, portanto, pura potência no sentido de que não possuísse forma ou formas em sua origem, mas no sentido de que absolutamente nada que viesse a existir no universo escaparia de possuir matéria.

É neste sentido que a matéria é entendida como ‘pura potência’, porque é primeiro sujeito de geração de tudo quanto exista e possa existir no universo. Por tudo isso, há de se atrelar a origem do universo à origem da matéria, pois se a matéria não é eterna, o universo não existiu desde sempre, embora nada impeça de pensar que o seja ao menos no pensamento de Deus³². Mas não é suficiente recorrer à matéria para explicar a diversidade que há no universo; como vimos a matéria explica bem a unidade que há entre todos os seres que existem nele, porque todos são materiais. Há que se recorrer a outro princípio inerente à própria matéria para explicar a diversidade.

Assim, pois, com a criação da matéria Deus a informou, desde o seu início, com muitas perfeições que representavam limitada e proporcionalmente as infinitas perfeições divinas que foram denominadas

³² TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.* d.1, q.1, a.5, c; *De aeternitate mundi*.

formas, por cujas perfeições e operações próprias no interior da matéria e, depois de sucessivas relações entre si, produziram e geraram, mediante as mesclas das diversas porções quantitativas da matéria, diversos outros seres materiais.

Cada ser produzido ou gerado a partir da matéria possuía uma quantidade determinada daquela primeira matéria, exigida segundo o grau de perfeição de sua forma ou perfeição específica, advinda após a mescla. Esta dinâmica interior da matéria desde a sua origem é o que identifica o nome *movimento*, que em sentido geral é a passagem de um estado de perfeição a outro, que é perceptível pelos sentidos³³, embora não o pudesse ser neste estado originário, porque na origem da primeira matéria não havia nenhum homem para perceber. São exemplos de movimento mais simples e verificáveis aqueles como a passagem do estado de *semente* para o de *árvore*, ou mesmo, o movimento dos astros celestes, da Lua que gira em volta da Terra *etc.*

Pois bem, no interior da matéria, a sucessiva dinâmica de mescla das formas originárias fez emergir seres que apresentavam por suas respectivas formas um tipo de movimento diferente do que fora apresentado originalmente no próprio interior da matéria. Estas perfeições que foram originadas das sucessivas mesclas foram denominadas *vida* porque causavam movimento imanente e autônomo nos seres que a possuíam como, por exemplo, o crescimento no ser vegetal e a sensação, geração, corrupção e locomoção no animal. Então, além do movimento causado pelo choque ou atrito natural entre os seres materiais, movimento denominado transeunte, houve um outro tipo de movimento não originado necessariamente pelo atrito, mas do aperfeiçoamento da própria geração de novas formas que apresentaram um movimento autônomo, que alguns seres materiais manifestariam, uma vez geradas suas substâncias.

Este movimento, a saber, a vida, poderia ser transmitida de dois modos, pela partição de um todo que possuía a matéria viva, como no caso de um vegetal cuja vida está igualmente em algumas partes que podem ser seccionadas e a partir desta parte gerar uma nova vida, ou pela transmissão da vida pela inseminação de uma porção quantitativa da matéria que tem a vida em outro indivíduo da mesma espécie capacitado para recebê-la e gerá-la, como no caso da geração da vida nos animais, à exceção da vida humana, cujo princípio vital é por criação e não por secção ou partição da matéria.

Pois bem, quando nosso intelecto capta este movimento dos seres materiais que se chocam ou se põem em mudança de um ponto a outro ou mesmo dos seres que apresentam um movimento especial como a vida, ele

³³ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Phys.* Lec. 1, n. 148.

distingue o *antes* e o *depois* deste movimento e concebe a sua *duração*, a qual se denomina *tempo*, que nada mais é do que a *medida* do antes e do depois do movimento.

A palavra *espaço* dá nome justamente à extensão do movimento, do seu início ao fim e *lugar* é o que define um espaço como algo determinado, que ocupa um ser em movimento. A *posição* é, pois, este lugar no espaço que também é denominado ‘lugar comum’, enquanto ‘lugar próprio’ designa a própria matéria do corpo em movimento.

E como todo ser material possui três dimensões, a saber, altura, largura e profundidade, todo ser material ocupa lugar no espaço sob tais dimensões. Denomina-se *corpo* todo ser material com estas três dimensões definidas. O corpo vivo é o que apresenta aquele movimento autônomo que não se transmite por atrito ou contato, nem passa de um para o outro, senão que existe intrinsecamente no corpo como um princípio.

Neste caso, a continuidade da vida no gênero dos seres que possuem corpos vivos se dá pelo que se denomina *geração*, enquanto o cessar desta vida pela desagregação da matéria é *corrupção*, cujo nome ‘morte’ significa propriamente o cessar da vida ocasionado pela corrupção do corpo, pois nem tudo que se corrompe morre, senão só o que possui vida. Por isso só geram e morrem os corpos que possuem a vida como princípio imanente. A geração, como foi dito, se dá no caso dos animais, pela união de suas estruturas orgânicas e pela transmissão de porção material do que possui a vida. Mas isso só ocorre com a reprodução dos animais, cujas vidas são a própria matéria e não com relação à vida humana, que não é transmitida pela geração, mas pela criação da alma humana diretamente por Deus no corpo.

Toda esta complexa estrutura microscópica e também macroscópica revela o esplendor do universo, cuja harmonia supõe a ordem da diversidade dos múltiplos seres que o compõe³⁴. *O esplendor do universo* manifesta-se pela beleza da ordem que há entre as suas partes, cuja contemplação mais intensa e profunda exige pensar haver uma relação da unicidade do todo com a diversidade das partes.

Cada parte se relaciona com outra e em ambas encontramos uma relação de *participação*, ou seja, elas, de um modo ou de outro, possuem alguma perfeição comum, que as permitem ser identificadas com a perfeição do todo do qual são partes. Assim, pois, segundo isso, há uma profunda relação entre o ser de uma rosa e o de uma criança. E porque todas as partes do universo, a rosa, a criança, que são entes concretos, participam de uma mesma perfeição, cada qual a manifesta a seu modo, porque não deixam de ser diversas entre si pelo simples fato de possuírem alguma perfeição em comum. Tal perfeição

³⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 2, a. 3, c.



encontrada no ente, na rosa ou na criança é o 'ato' de ser, que na rosa e na criança se realizam diferentemente em função da natureza da forma que lhe dá o ser e da porção de quantidade de matéria em que cada ato se realiza. E isso basta como resumo do que havíamos proposto neste artigo.